



Sobre a relação da sucessão do guardião do Maracatu Leão Coroado e a idéia de dádiva defendida por Marcel Mauss

LUCIANO BORGES DE SOUZA

Introdução

Dádiva....palavra bonita, poética, musical. Quantos não já a ouviram ou não a entenderam como fonte de bondade, de graça, de caridade e de benção. A dádiva como todo o conceito e idéia, pode ser entendida de diferentes formas, pois os conceitos e idéias se transformam ou são ressignificados em detrimento do contexto que estão imersos. No caso específico da idéia de dádiva trabalhada nesse texto, geralmente um leitor mais desavisado entenderá a princípio a dádiva no contexto brasileiro; nada mais natural e esperado já que estamos no Brasil. Ou seja, provavelmente a dádiva estaria associada às pessoas que se dedicam à caridade, às causas humanitárias, ou seja, a dádiva estaria assim atrelada aos indivíduos com repertórios de vida mais altruístas.

A partir dessa explicação, pretendo entender a idéia de dádiva defendida por Marcel Mauss, que propõe uma dilatação e ampliação do que seria a dádiva para os grupos humanos e o papel que a mesma tem na construção das trocas de bens materiais e imateriais durante a vida e no nosso encontro com o outro. Pretendo ainda explicitar a contribuição de Mauss no que tange ao seu projeto anticartesiano, de não trabalhar na separação de sujeito/objeto, corpo/mente, razão/emoção, apostando numa abordagem mais total, mais coletiva, mais globalizante, que leva em consideração todas as facetas componentes do humano.

Essa elasticidade do pensamento de Mauss fica mais evidente quando o mesmo nos fala que,

Nas economias e nos direitos que procederam os nossos, não se observam nunca, por assim dizer, simples trocas de bens, de riquezas e de produtos no decurso de um mercado passado entre os indivíduos. Em primeiro lugar, não se trata de indivíduos, trata-se de colectividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam; as pessoas presentes ao contrato são pessoas morais: clãs, tribos, famílias, que se atacam e se opõem, quer em grupos desafiando-se directamente, que por intermédio dos seus chefes, quer de ambas estas duas maneiras simultaneamente.



Além disso, o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de mais, amabilidades, festins, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras cujo mercado não é senão um dos seus momentos e em que a circulação das riquezas mais não é do que um dos termos de um contrato muito mais geral e muito mais permanente. Enfim, estas prestações e contraprestações embrenham-se sob uma forma preferencialmente voluntária, através de presentes, de prendas, se bem que sejam no fundo, rigorosamente obrigatórias sob pena de guerra privada ou pública. Propusemos chamar a tudo isto o sistema de prestações totais. (MAUSS,1950:55-56).

Percebo assim, neste trecho da obra de Mauss, uma possibilidade de dialogar entre a idéia de prestações totais e a sucessão da liderança dentro do Maracatu Leão Coroado. Deste modo, optei por expor a minha reflexão em três movimentos básicos: uma introdução, um movimento dedicado à origem do maracatu nação com o intuito de possibilitar uma interlocução entre antropologia e história da cultura, um movimento dedicado ao pensamento maussiano acerca da dádiva, e uma consideração final onde pretendo responder a seguinte questão: Quais as relações observadas na sucessão do guardião do Maracatu Leão Coroado e a idéia de dádiva defendida por Marcel Mauss?

Referencial Teórico

Movimento um: Origem do maracatu nação.

Com origem nas coroações de reis negros realizadas no período colonial brasileiro, o maracatu nação vai deixando de se apresentar exclusivamente nas festas religiosas e participando aos poucos dos festejos de Momo. Essa participação se intensifica a partir de 1888, quando com a abolição da escravatura, a figura do Rei do Congo, que até antes do período citado tinha a função de disciplinar os seus subordinados e de auxiliar a coroa portuguesa na tarefa de tornar menos tensa a convivência do negro africano na cidade. Sobre esse momento vivido, Leonardo Dantas Silva diz que:



No início da segunda metade do século XIX, começa a ser registrada na imprensa do Recife, de forma esparsa, a presença do Rei do Congo nos festejos carnavalescos, conforme alusão do noticiário do Jornal do Recife de 12 de março de 1859 –“também não faltou o célebre bumba-meu-boi, o apreciável fandango e a cena do Rei do Congo”- ; no ano seguinte, em sua edição de 25 de fevereiro, o mesmo jornal dá notícia do “batuque do Rei do Congo e do clássico bumba-meu-boi” (SILVA, 2000: 55).

Ainda sobre a participação das cortes negras no carnaval do Recife, nos diz o mesmo autor:

Com a abolição da escravatura negra, em 1888, e a proclamação da República em 1889, a figura do Rei do Congo- Muchino Ria Congo- perdeu a sua razão de ser. Os cortejos dos reis negros já presentes no carnaval, por sua vez, passaram a ter como chefe temporal e espiritual os babalorixás dos terreiros do culto nagô e vieram a se fazer presentes no carnaval do Recife. Em sua nova forma, o antigo cortejo do Rei do Congo veio a ser chamado, pela imprensa de então, de maracatu (SILVA, 2000:56).

Até hoje nos maracatus nação, a ligação com a religião dos Orixás é mantida. Geralmente à frente de um maracatu nação está um babalorixá ou uma ialorixá. A relação com o candomblé é tão forte que pode ser observada em todos os elementos que compõem o cortejo real. Desde a calunga - boneca sagrada que recebe várias obrigações religiosas - até as cores que são pintadas as alfaias, tudo tem uma ligação direta com o orixá patrono do brinquedo. Outro indício da relação maracatu nação/candomblé na atualidade, diz respeito à quantidade significativa de participantes do brinquedo que também são candomblecistas.

Segurando a batuta que rege essa orquestra está o guardião da nação. Como no maracatu nação a religiosidade é exercida dentro dos preceitos do candomblé, o guardião (no caso do meu trabalho será Mestre Afonso Aguiar, do Maracatu Leão Coroado) que é babalorixá, exerce a função de zelar pelas questões espirituais dos integrantes do brinquedo assim como lida com questões muito práticas, de caráter burocrático, no que tangem à manutenção do grupo.

Tendo como base a citação acima e os comentários como um todo, percebo na prática do ofício do guardião do Leão, a presença muito forte da dádiva maussiana. Especialmente em seu caráter de trabalhar com a totalidade, as especificidades do trabalho do escolhido¹ são pautadas numa práxis não fragmentar, onde a sutura homem/ natureza se apresenta com mais intensidade ou como o próprio Mauss diz,

¹ Outra forma de definir o guardião da tradição. Escolhido porque são os Orixás que escolhem o indivíduo que irá assumir a liderança do maracatu.



No fundo, são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e eis como as pessoas e as coisas misturadas saem cada uma, das suas esferas e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca. (MAUSS, 1950: 81).

Assim, o contrato, que no caso do guardião do segredo do Leão Coroado, é firmado quando o mesmo sucede a liderança do grupo e as trocas de saberes que são realizadas durante o seu tempo à frente do maracatu que integra, há uma indissociabilidade da relação entre as coisas e as pessoas, suscitando com isso um distanciamento da idéia dicotômica de dádiva cartesiana: onde existiria apenas o momento de dar e o de receber. Na prática diária do guardião, essa ruptura não existe, o dar, o receber e o retribuir, se retroalimentam constantemente, pois é justamente no retribuir o que foi recebido do guardião antecessor que se prepara um sucessor para a agremiação. Deste modo, é assegurada a manutenção do grupo e, sobretudo o valor de ser um guardião da tradição é ressignificado na sociedade, configurando assim outra idéia maussiana que existe no bojo da dádiva: o prestígio social desfrutado pelo indivíduo que aceita a dádiva e a retribui entre os seus.

Movimento dois: A originalidade da idéia de dádiva em Mauss.

A importância do projeto de Marcel Mauss, em especial com o lançamento do Ensaio sobre a dádiva para a antropologia e para as ciências humanas é imensa. Pois o projeto de Mauss, no meu entendimento, abre uma possibilidade nova para a práxis antropológica instaurando um diálogo para uma construção etnográfica mais inteira. Inteira no sentido de abordar o humano levando em consideração todos os aspectos da nossa espécie, o fisiológico, o psicológico, o simbólico, rompendo assim com a dicotomia sujeito/objeto que imperava na época e que mesmo hoje tem seus vestígios.

Com o paradigma da dádiva, Mauss propõe romper com o fazer do direito e da economia, por exemplo, descolados da união pessoa e coisas, pois para o pensamento maussiano as coisas dadas e trocadas têm uma virtude porque no ato da troca, o que é dado leva em si algo do doador. Assim, Mauss, contribui sobremaneira em questões que até hoje são caras à antropologia: a relação natureza e cultura, relação homem/ natureza, a dimensão psíquica e espiritual do homem e seu rebatimento em seu cotidiano, etc.



Metodologia

Como recurso metodológico, recorri à literatura que trata do assunto explicitado. Busquei ainda conversar com o próprio Mestre Afonso (visto que estudo o Maracatu Leão Coroado desde 2006). Assim, pude trabalhar articulando o repertório escrito e o repertório oral, numa confluência que percebo ser a forma mais inteira de realizar pesquisa científica na atualidade, numa escuta poética, tendo inclusive a possibilidade do erro como especificidade do fazer científico. Concordo com Prigogyne, quando o mesmo sinaliza que a arte deve ser a nova metáfora da ciência, visto que no fazer artístico está previsto as incertezas; forma de implodir com a arrogância cartesiana, de supor que dará conta de todas as dimensões humanas apenas pela experimentação e controle absoluto de dados.

Considerações Finais

Após essa incursão na obra de Mauss, percebo que a originalidade do seu pensamento encontra-se em escrever sobre temas que permanecem vivos até hoje; ao ler a obra maussiana, a mesma suscita um frescor, uma vigorosidade muito atual, muito fértil em possibilidades no intuito de entender o homem e suas complexas especificidades. Quando Mauss trabalha a dádiva, o mesmo aborda uma característica fundamental da nossa espécie: as trocas que realizamos durante o nosso trajeto de vida, ou melhor, dizendo, a nossa capacidade de trocar bens durante o nosso percurso aqui na terra.

Bens esses que são materiais, sim, pois precisamos dos mesmos para realizar necessidades, viabilizar sonhos, empreendimentos.... Mas também trocamos bens pautados em outros códigos, em outras esferas de sentido. Trocamos gentilezas, afetos, olhares, enfim, trocamos todo tipo de coisa o tempo todo. Damos, recebemos e retribuimos diariamente uma infinita quantidade de coisas e por tabela as virtudes de seus donatários, como postula Mauss.



No caso específico desse trabalho, procurei responder a questão no tocante às sucessões de liderança dentro do Maracatu Leão Coroado e as correspondências dessa sucessão na idéia de dádiva maussiana. Percorrendo o Ensaio sobre a Dádiva, reafirmo que especialmente na abordagem do fenômeno total e no aspecto do dar, receber e retribuir a figura do guardião do “Leão” se encaixa como uma imagem de marchetaria, para usar uma metáfora artística. É preciso guardar o segredo recebido na sucessão, mas é preciso também retribuir a outro indivíduo esse segredo para que o grupo permaneça, numa alusão à idéia de pressão da dádiva, que segundo Mauss faria a mesma circular entre as pessoas.

Desse modo, as práticas do guardião da tradição aqui trabalhadas são dialogadas com a obra de Marcel Mauss em inúmeros pontos pacíficos; suscitando dessa forma tanto a universalidade da idéia maussiana de dádiva como a universalidade das práticas de Mestre Afonso Aguiar, atual guardião do Maracatu Leão Coroado.

Agradecimentos

À Dona Ana Borges e à Cida Nogueira, fontes de amor inesgotáveis.

Referências

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1950.

SILVA, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife. Recife**: Fundação de Cultura do Recife, 2000